

MOVIMENTOS SOCIAIS: PROTAGONISTAS DE UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO A PARTIR DO PAPA FRANCISCO

Vera Maria Lanzillotta Baldez Boing¹

Resumo

Objetivamos pensar o sujeito social no Pontificado de Francisco, inserido no contexto da América Latina e Caribe. Buscamos reconhecer nos Movimentos Sociais elementos que expressam uma eclesiologia libertadora e mediadora da salvação de Deus na história humana. Nossa metodologia está centrada em fontes bibliográficas, a partir dos documentos do Papa Francisco e de seus discursos aos Movimentos Populares. Concluímos que os movimentos sociais, vistos como sujeito coletivo, podem ser base de um novo protagonismo eclesial, fortalecendo o dinamismo intrínseco existente entre a realidade social e a ação evangelizadora, contribuindo para a superação do dualismo entre fé e vida.

Palavras-chave: Sujeito social - Movimentos Sociais – Educação libertadora - Igreja em saída.

Introdução

Nossa proposta é pensar o tema do Novo Sujeito Eclesial na América Latina e Caribe a partir dos Movimentos Populares, afirmados e legitimados pelo Papa Francisco como caminho para a transformação social e eclesial, que nos apresenta como semente de um novo protagonismo evangelizador. Desenvolvemos o tema a partir do pensamento do Papa Francisco, sua proposta na perspectiva libertadora do processo de transformação e humanização que propõe diante do modelo global, excludente e desumano. Ou seja, um processo educativo-libertador da ação evangelizadora.

O Papa Francisco nos convida a contribuir na construção de uma Igreja a serviço do pobre, no diálogo com a pluralidade, e a desenvolver uma conversão que integre toda a criação de Deus, uma ecologia integrada. Delimitamos o desenvolvimento do trabalho aos principais documentos pontifícios de Francisco e, de modo especial, os discursos aos participantes dos encontros com os Movimentos Populares, a quem dedica um protagonismo transformador e propulsor de uma nova realidade social, econômica e cultural. Por isso, uma viva defesa por uma pedagogia evangelizadora comprometida e libertadora.

Movimentos Populares: sinal de Deus ao mundo

Destacamos a importância de definir como ponto de partida a realidade em que estamos inseridos. É necessário compreender, à luz da práxis libertadora de Jesus, uma ação articulada e intrínseca à leitura da realidade que contribua para delinear o sujeito marcado pela condição histórica do início do século XXI. O sujeito determinado pelo contexto no qual está inserido tornou-se essencial para um discurso que favoreça o diálogo com o mundo contemporâneo. Um sujeito diante de outros sujeitos, individuais e coletivos.

De forma explícita, podemos entrever nos documentos e nos discursos do Papa Francisco que uma Igreja, já em saída, ferida e acidentada, é uma Igreja reconciliada com o

¹ Doutora em Teologia (PUC-Rio). Professora da Cultura Religiosa (CRE) da PUC-Rio.



Evangelho, com a práxis misericordiosa de Jesus Cristo. Uma Igreja, sinal do Reino de Deus, que nos convoca a ouvir o grito dos pobres. “Que o clamor dos excluídos seja escutado na América Latina e em toda a terra” (Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2015). É assim que o Papa convoca a todos os trabalhadores excluídos da produção da terra, sem-teto e sem-trabalho, a assumirem o lugar da resistência, a unirem suas ações em direção ao novo horizonte, à conquista de uma terra prometida. Um lugar concedido de direito a todos os seres humanos

O Papa Francisco fala do encontro com os Movimentos Populares como “um grande sinal diante de Deus, da Igreja e dos povos”. Afirma, categoricamente, que os movimentos populares representam a contraposição da realidade atual, injusta e excludente, pois visibilizam a sua luta por uma nova sociedade. São o despertar de um processo histórico que pretende assegurar novos sentidos à existência humana (Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2014).

Podemos compreender que o Papa, ao destacar os movimentos como grande sinal ao mundo, deseja afirmar e legitimar um caminho para a transformação social e eclesial que sugere na proposta de seu pontificado. O Papa, inserido no compromisso de uma espiritualidade encarnada do Evangelho de Jesus Cristo, anunciado aos pobres, deseja, como diz, unir a sua voz à dos movimentos e “acompanhá-los na luta” (Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2014). Reforça, portanto, os pobres como protagonistas, construtores de realidades concretas, porque sofrem na carne a injustiça, a pobreza e a dor da exclusão, podem reinaugurar e dar continuidade à luta, na história, dos povos que buscam “*por viver com dignidade, por viver bem*”. Assim, Francisco legitima o sujeito coletivo, fortalece como caminho da mudança social, o futuro que “está fundamentalmente nas mãos dos povos; na sua capacidade de se organizarem e, também, nas suas mãos, que regem, com humildade e convicção, este processo de mudança”. Afirma que essa fundamentação se torna essencial a uma nova percepção que a realidade exige a todos cristãos e não cristãos (Encontro Mundial dos Movimentos Populares 2015).

No desejo de fortalecer os novos sujeitos sociais e eclesiais, o Papa defende os movimentos populares como força motora nesse processo transformador. Inclui, nesse sentido a luta pela terra, pela moradia e pelo trabalho, direitos essenciais à vida humana. Como o Papa mesmo diz: “nenhuma família sem casa, nenhum camponês sem-terra, nenhum trabalhador sem direitos, nenhuma pessoa sem a dignidade que provém do trabalho” (Encontro Mundial dos Movimentos Populares 2014).

Terra, teto e trabalho

Empenhado na defesa da vida, o Papa Francisco destaca o que vai representar a síntese de todo movimento: a terra, a casa e o trabalho como condições anteriores a qualquer apropriação feita pelo mercado econômico do capital. O Papa expressa, nesses discursos, o

que é fundamental na tradição da Igreja: o sentido universal sobre o destino comum dos bens criados.

A terra, o chão que o ser humano pisa e onde gera a sua existência, tem relação intrínseca com a criação de Deus, com o trabalho humano: uma relação de cuidado, de afeto, de cultivo e de sustentação. A terra torna-se, essencialmente, um enlace espiritual que confere ao ser humano uma identidade e um estilo próprio de vida. Essa realidade que o Papa expressa tem a preocupação com “o desenraizamento de tantos irmãos que sofrem por esse motivo” (Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2014).

Uma condição que rompe e fragmenta as comunidades e que pode, inclusive, ser alcançada pela especulação financeira, como afirma no discurso aos Movimentos Populares, conduzindo boa parte da população à fome, negando-lhes o direito de produzirem e gerarem a própria renda com a produção. “O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para administrar em benefício de todos”, ao contrário da lógica do capital, onde a terra é fonte de expropriação do trabalho humano, alienando-o à condição de mercadoria e de especulações (FRANCISCO, 2015: n. 95).

A casa e o trabalho são dois outros direitos invioláveis à dignidade humana, que se interligam à terra como a habitação à casa comum, ao direito que recebemos como família universal (FRANCISCO, 2015: n. 89). Numa abordagem mais específica, local de construção da comunidade humana, a casa tem uma referência concreta de habitação, de abrigo, de família. É na casa que recebemos e construímos nossa cultura, desenvolvemos nossa identidade e percebemo-nos como comunidade. Não ter a casa, o teto, significa deixar ao relento pessoas, famílias no abandono, excluídas, destituídas do sentido de alteridade, sua mais profunda existência de reconhecer-se como ser humano. É pela legítima fidelidade à criação de Deus que o Papa Francisco reforça o enraizamento humano à terra, à casa, defendendo sua integração urbana, contrária ao desenraizamento e à marginalização, produzidos pela especulação urbana, mas também “por aqueles projetos que pretendem envernizar os bairros pobres e disfarçar as feridas em vez de as curar” (Encontro Mundial dos Movimentos populares, 2014).

Nesse entendimento, vemos uma intrínseca relação feita pelo Papa ao abordar os três “T”, terra, teto e trabalho, como condições essenciais à garantia do desenvolvimento humano. É na garantia dessa luta que a defesa pelo novo sujeito social e eclesial tem a possibilidade de frutificar a nova condição evangelizadora, o novo perfil necessário às mudanças sociais.

O Papa Francisco, ao destacar nos discursos aos Movimentos Populares a terra, o teto e o trabalho como condições de uma nova perspectiva transformadora, destaca a economia criativa como uma questão também social. Aborda, no interior desse processo de mudança, a cultura da demasia, colocando-a na origem da solidariedade do trabalho em comunidade. E, ao pensar a terra como cultivo e bem de trabalho, base de vida de uma família, Francisco amplia a

defesa para além da realidade local. Dirige-se a todos os povos que abandonaram suas terras, em meio às guerras ou sem condições de sobrevivência, que em busca de uma vida mais digna aportam em terras estrangeiras. Dirigindo-se aos movimentos, legitima a luta pela terra a todos os camponeses e nativos, mas também amplia pela comunhão universal, na superação do colonialismo ideológico, o caminho universal ao direito da justiça (Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2014).

Podemos afirmar, portanto, que os Movimentos Populares expressam a autenticidade de um protagonismo social nesse processo transformador de ser caminho na construção de novas condições sociais e econômicas. Como afirma o Papa, vivem a prática da solidariedade que funda essa condição a uma vivência de comunidade, pois priorizam a vida e colocam os bens a serviço de todos, motores de uma fecunda transformação econômica, social e cultural (Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2014).

Dinamismo salvífico dos Movimentos Populares

É nas relações humanas, marcadas por ações concretas de solidariedade, que os Movimentos Populares são legitimados por Francisco a assumirem o protagonismo no processo de construção da nova sociedade. No lugar do encontro daquilo do que lhes é comum, a resistência, a luta pela garantia da sobrevivência, nesse lugar de identidade coletiva, Francisco faz o apelo para que adentrem como indivíduos e como grupo à raiz da desigualdade, a estrutura econômica e social. É nesse lugar que “tendes os pés na lama e as mãos na carne. O vosso cheiro é de barro, de povo, de luta” (Encontro dos Movimentos Populares, 2014). Confirma, então, o legítimo papel do protagonismo dos Movimentos Sociais que, na luta, abrem caminhos à construção das novas relações humanas, sociais e culturais, assentadas num novo projeto econômico: uma construção pautada no processo de uma educação humanizadora de novos valores e novas atitudes.

O Papa sinaliza, na dinâmica salvífica de Deus e do Filho, Jesus Cristo, o amor como o eixo central de todo o movimento libertador, essencialmente o amor aos pobres, que une toda a criação. “A partir da intimidade de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência, quando arranca a pessoa de si mesma para o outro” (FRANCISCO, 2020: n. 88). A preocupação em desenvolver e mostrar a relação intrínseca entre todos os âmbitos relacionais da criação - com o ser humano, com o criador, com a história, que o próprio Jesus mostra na carne de sua condição humana -, coroa a espiritualidade como valor inestimável a toda a criação. “A estatura espiritual de uma vida é medida pelo amor [...]. Sendo assim, o amor implica algo mais do que uma série de ações benéficas. Dessa forma, o Papa deseja alcançar, pela renovação das relações humanas, novos laços, laços de solidariedade e de fraternidade, uma sociedade que não permita que ninguém seja excluído e que todos possam viver a “possível amizade social” (FRANCISCO, 2020: n. 92 e 94).

Temos, aqui, uma chave de leitura na compreensão do potencial dos Movimentos

Populares como caminho para “pensar e gerar um mundo aberto”, como intitula um dos capítulos da Encíclica *Fratelli Tutti*. É aos Movimentos Populares que o Papa dirige, com convicção, o chamado à mudança, à transformação de todas as realidades destruídas pelo “império do dinheiro [...] A solidariedade, entendida no seu sentido mais profundo, é uma forma de fazer história e é isto que os movimentos populares fazem”. Movidos e animados por essa perspectiva do pontificado de Francisco, os movimentos somam “as forças que nos mantêm em pé: a esperança que não desilude” (Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2014). Com essas palavras o Papa encerra todos os encontros ocorridos com os Movimentos Populares, “continuai a vossa luta, fazei o bem para todos nós. É como uma bênção de humanidade” (Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2016).

Conclusão

No horizonte do projeto de Francisco, a comunidade de fé e a realidade possuem uma mútua relação entre a Palavra e a vida, uma experiência de espiritualidade encarnada e viva. A realidade deve, como Francisco expressa, ser a mediação da ação do cristão, “a mediação da práxis é o termo final de toda teologia da libertação” (CODINA, 2016, p. 194), experimentada na América Latina. Francisco desenvolve o seu pontificado na perspectiva da libertação e dessa forma, a realidade como mediadora da práxis, precisa ser conhecida para que seja alcançada e transformada.

Podemos, então, afirmar que o novo sujeito tem sua configuração no seio da comunidade eclesial como sujeito coletivo. Aliás, não existe dicotomia entre o sujeito eclesial e o sujeito social, ambos estão dialeticamente relacionados. A Igreja tem a responsabilidade de estar atenta aos sinais dos tempos, ou seja, reconhecer na realidade na qual se insere a potencialidade dada à missão evangelizadora. Nesse sentido, torna-se imprescindível fortalecer os Movimentos Sociais que, enquanto sujeitos coletivos, nas diferentes vozes presentes, buscam expressar, “a necessidade de revitalizar as nossas democracias, [...] que transcende os procedimentos lógicos da democracia formal” (Encontro Mundial dos Movimentos Populares, 2016).

Nessa perspectiva, retomamos o anseio de Francisco em insistir na inculturação, o diálogo com as culturas como metodologia, uma relação entre fé e vida, desenvolvendo a atitude dialogante no caminho da evangelização. Mais do que um recurso, representa uma atitude diante da vida, assim o novo sujeito é pensado na atuação de sua condição social e eclesial: “aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contato, tudo isso se resume no verbo ‘dialogar’” (FRANCISCO, 2020: n. 198).

Questões para reflexão:

1. Qual a importância de uma educação libertadora na formação do novo sujeito eclesial e social?
2. Como podemos entender o novo sujeito, na realidade atual, apresentado pelo Papa Francisco?
3. Sendo a Puc-Rio uma Universidade pontifícia, qual o seu papel no processo dessa construção do novo sujeito?

Referências Bibliográficas

CODINA, V. **O Espírito do Senhor**: força dos fracos. São Paulo: Paulinas, 2019.

FRANCISCO. Exortação Apostólica **Evangelii Gaudium** sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2013. (Coleção Documentos do Magistério).

_____. Discurso do Papa Francisco aos participantes do Encontro Mundial dos Movimentos Populares, em 18 de outubro de 2014. Acessado em 20/10/2021 em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html. 2014.

_____. Encíclica **Laudato Si** sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2015. (Coleção Documentos do Magistério).

_____. **Discurso do Papa Francisco aos participantes do 2º Encontro Mundial dos Movimentos Populares**, em 09 de julho de 2015. Acessado em 20/10/2021 em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. 2015a.

_____. **Discurso do Papa Francisco aos participantes do 3º Encontro Mundial dos Movimentos Populares**, em 5 de novembro de 2016. Acessado em 20/10/2021 em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html

_____. Encíclica **Fratelli Tutti** sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus; Edições Loyola, 2020. (Coleção Documentos do Magistério).